

O Sujeito e seus Vínculos ou o Vínculo e Seus sujeitos? Sobre o nó e a rede

The person and its Bonds or the Bond and Its persons? On the knot and the net

Juliano Fontanari

Resumo: O autor revisando sumariamente alguns conceitos relacionados como o de self, pessoa, sujeitos e vínculo argumenta, com critérios genético e histórico, pela precedência do *vínculo* sobre o *sujeito*. Discute ainda outras vertentes e soluções possíveis para esta questão.

Abstract: The author revising in a few words some concepts related as of *self*, person, and bond argues, with criteria genetic and historical, for the anteriority of the bond on the person. He still argues other possible sources and solutions for this question.

Descritores: função alfa, Bion, Kohut, self, Outro.

Keywords: alpha function, Bion, Kohut, self, Another one.

Nosso alvitre, sumário em demasia, é revisar a definição de alguns marcos, algumas palavras que, por vezes, nos enredam e inventam grandes questões; ainda tentaremos dar conta de se os argumentos que se sustentam em totalidades, unicidades, necessariamente, limitariam a argüição que tende ao singular, à multiplicidades. Por vezes fazemos confusões, misturas notórias, e boa parte de nossa atividade intelectual, de nossa escrita é desfazer mal-entendidos e esclarecer coisas, definir objetos de estudo, sujeitos de estudo, redes que aprisionam objetos, tecidos que aprisionam sujeitos. É bem possível que a questão do sujeito versus vínculos ou do sujeito de sua voz e do sujeito sujeitado à estrutura, do ponto e da linha, do nó *versus* o tecido seja uma destas miscelâneas. Tantos são os espectros e tons dos fenômenos identificatórios, tantos são os enganos quando nos sentimos autônomos e donos de uma voz – mal concebemos como estamos *sendo vividos* ao invés de *viver* - que, no final, para dizer de um objeto – em especial objetos subjetivos como o *vínculo*, o *sujeito* - escolhemos o critério histórico genético como linha definitiva de nossas balizas e reflexões: Dizemos como ele nasceu e como se desenvolveu.

Nós nos explicamos – quem somos? - apenas em parte pelo passado

Historicizamos para definir regularidades estruturais com a idéia de, depois, profetizar; acontece que o sentido, a ordem, a regularidade não vem do passado e sim do futuro. Alguém já disse que foi Kant quem escolheu seu antecessor – no caso, Hume; são os filhos que nos tornam pais. Agostinho resolveu isso assinalando que só existe um tempo, o presente. O argumento das origens, então, não é um bom argumento; sua busca não é adequada, portanto, haja vista o fenômeno da resignificação em todas as áreas de nosso desenvolvimento. Houve um tempo, quando bebês, que não falávamos, mas, é possível nos imaginarmos sem fala? São os sujeitos, imersos nos vínculos que dizem dos vínculos. Como então dizer o que precede e o que sucede se um – o vínculo - é visível apenas com a roupagem de outro, o sujeito? Um objeto invisível que se veste de tempos em tempos e com extrema versatilidade. Outro ponto relacionado, de relevância, é a questão do reducionismo. Por milênios, predominou na cultura o juízo de que somos seres especiais, além da natureza, capazes de violá-la; de fato é pouco provável que alguém sustente que a nossa natureza não seja cultural e, tal o domínio desta idéia que chegamos a pensar que somos o centro do universo. Todos voltados para o futuro: ir para o céu, paraíso, inferno, voltar para algum lugar após desfazer-se da prisão do corpo. Até que Darwin mostra-nos nossa ascendência, nosso passado, nossa natureza *natural*, e Freud passa a insistir em nossa natureza pulsional. E, então, estamos a nos explicar pela nossa história. Como se fosse possível explicar uma estrutura complexa como originária de alguma mais simples. Os degraus debaixo da escada são necessários para os degraus mais altos, mas não são suficientes. O sofrimento, então, se explica pelo passado genético, pelo passado da experiência vivida e pelo passado pulsional. Só recentemente aparece a idéia de que nossa mente carrega o fardo do passado para se assegurar diante do novo, diante do *outro*, que borbulha a cada dia em nosso presente. O passado é mais freqüentemente usado para resistir ao

presente. Agora, o passado tem importância porque nos desvia de pontos, de portos, no futuro.

Sobre a impossibilidade de uma ciência do todo. Por que não dizer que sujeito e vínculo são partes de um todo?

Não é possível fazer ciência sem aquinhoar, cindir. Temos de escolher um objeto e um sujeito para este objeto; temos de ter um foco, mesmo que seja de escuridão. Se ampliarmos o foco mantendo um estereótipo – um conjunto de regras que, por qualidades, descrevem o protótipo de um objeto probando - num exercício generalizante, o pinto, a galinha e o galo – a propósito de quem veio antes se o ovo ou a galinha - rematam numa unicidade definida pela palavra *galináceo*... Se prosseguirmos indagando, buscando, acabamos invadindo o reino vegetal, pois certamente não seria possível o aparecimento dos galináceos sem a vegetação e o demais que sustenta sua alimentação. Essa confusão de reinos é mais evidente ainda entre os insetos, que se desenvolveram junto com as flores que, às vezes são iguais aos insetos para carregá-los com pólen. Devemos sempre lembrar que a linguagem decompõe demais; veja-se a palavra *reino*... Vem de *rei* (*reger*, mandar) espaços, lugares de poder, agora tentando caber na definição da natureza, cristalizando o ligamem de poder que pairava sobre os primeiros naturalistas. A ciência só o é como tal se permite a generalização; isso é fato, mas generalização de particulares, de partes; qualquer particular sem regras generalizantes não pode ser chamada de ciência. Não há ciência do particular, só do geral, mas por compartimentos. A clareza da consciência é a herdeira do olhar que limita no seu foco; não podemos tudo ver; é a consciência quem tenta o além dos sentidos: *A mente é um fardo pesado demais para a mula dos sentidos carregar*. Além disso, claro, é necessário o critério da refutabilidade da conjectura. Qualquer suposto que descreva a dinâmica entre partes, por mais verossímil que pareça, não será *científica* se não permitir algum instrumento, argumento que possa ser arquitetado para tentar falseá-la.

Parece que a questão da impossibilidade de resolução de algo sem apelar para sistemas externos – não se pode fazer um sistema do todo assim como, definidos um sistema ele não se explicará completamente - só se resolve, como nos ensina a complexidade com o teorema de Gödel, se aceitarmos que haverá sempre, considerado um dado sistema, uma área de indefinição que por sua vez apelará para o sistema vizinho, até que chegue a vez deste também se acoplar a outro e mais outro; é o problema do foco e da compartimentalização e da impossibilidade de uma teoria do tudo. É assim, do vínculo corremos ao sujeito e do sujeito ao vínculo; sistemas abertos, mas dois sistemas e não um apenas. O ponto e a rede, a célula e o gene, o broto e a árvore, eis onde estamos enredados. O ponto só é ponto mesmo se estiver jogado, qual dado, como indefinição e aposta como quer Badiou¹. O sujeito, esse de Badiou, seria aquilo que, para os genes, é mutação ao acaso, acidente. Dizer que os vínculos fabricam sujeitos, que a rede faz o ponto, será dizer tudo? E não se dirá o mesmo se assumirmos que os pontos fazem as redes? Que os sujeitos fazem os vínculos? O que parece é que o sujeito é o produto

¹ Badiou, A - Para uma nova teoria do sujeito Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2002 Veja-se Verdade e sujeito, p42.

acabado de uma matriz geradora chamada vínculo. Tomar como intercambiáveis os termos é confundir a célula com os genes. Na física o enredo é entre matéria e energia – uma se transformou na outra ou seriam ambas as manifestações de algo? Uma posição matricial assemelhada pode-se ver em Bion² que supôs que sua função alfa – matriz - antecederia o consciente, o pré-consciente e o inconsciente; a percepção que temos de estarmos acordados, dormindo e sonhando, do que é pensamento ligado ao real e do que é devanear, ensonar. Seu argumento não se refere à coisa mesma: sonho, sono, acordado, mas à *nossa percepção interna* – capacidade analítica, insight, crítica – de ver, sentir e pensar estas coisas em si, intocáveis, inalcançáveis – à nossa capacidade de construção de um aparelho simbólico e a capacidade de percebê-lo em nós mesmos. E sua função alfa, antes de qualquer coisa, antes do nada mesmo, está no *outro*; como se diz, no olhar da mãe – janelas da alma. Aí a primeira grande divisão que temos em nós mesmos – o eu e o *outro* – somo feitos, então, de fora para dentro.

Pulsão versus self

Acredita-se que o sistema que nos – sujeitos - prende à rede vincular é o pulsional – autoconservação e sexual. Lembremos que patologias como o autismo indicam claramente que parece haver um aparelho biológico humano, mamífero talvez, responsável pelo sistema vincular de que depende, depois a aquisição da linguagem e a clareza da consciência. Outro ponto pode ser exemplificado pelo *maleus maleficarum*: Na idade média, se alguma mulher provocasse desejo sexual, tivesse o poder de provocar ereção, poderia ser acusada de bruxaria... Claro que, suspeitamos, na dependência de interesses vicariantes... Fica evidente o jogo de forças contra o pulsional³; só que esquecemos que este empuxo antipulsional balizou a história humana e, quando apontamos que a religião nos tirou da barbárie, estamos nos referindo ao controle possível das pulsões agressivas e sexuais, e estas forças, capazes de se contrapor a marcantes elementos biológicos, vêm de fora, do grupo, com as vestes de mitos. Este foi um dos fatores que levou Freud, em 1915 no *Sobre o narcisismo...* a colocar o ego como fonte da libido e chamar as pulsões de autoconservação de pulsões do ego. Parece haver de fato um lugar próprio no humano para a experiência de *self* e relacionada ao grupo, aos vínculos.

Gênese e parto do sujeito pelo vínculo

² Bion, W.R. – O Aprender com a Experiência. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1966. Veja-se também o capítulo 25 p97: *considera-se o modelo como a abstração da experiência emocional ou a concretização da abstração. Esta revela afinidades com a transformação da hipótese, em termos de dados empiricamente verificáveis. No grupo, parece dever-se considerar o mito como desempenhando, na sociedade, o mesmo papel que o modelo desempenha no trabalho científico do indivíduo.* O mito aqui é o amálgama, agora com conteúdo, daquilo, coisa-em-si, significante, que chamamos vínculo.

³ O leitor atento observará que essas idéias estão desenvolvidas em Kohut, H. – *Análise do Self*. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1971 e Bion, W. R. – *As Transformações*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1965. E Bion, W.R. – *Elementos de Psicoanálise*. Ediciones Hormé, Buenos Aires, 1963. Mas é uma questão circunstancial apenas e não se trata de posicionamento contrastante com a teoria estrutural.

O fato, então, de que, se buscamos o sujeito, como subjetivado segundo regras dum sistema vincular, e lá o encontramos, isso não deve nos levar a unificar sujeito e vínculo; digamos que eles podem ser constituídos de uma essência (existência) muito parecida, mas são diferentes e é pertinente que a língua portuguesa distinga entre ambos de modo a usar palavras diferentes para estes dois objetos – na língua inglesa as coisas se complicam um pouco. O sujeito é um objeto bem mais visível e estável do que o vínculo, pois é inatacável a idéia da consciência de si que todos temos – e que ampliamos com os tratamentos – e que está ligada à noção de consciência, de *Self*, Eu e Sujeito. É de lugares bem próximos a esta consciência de si donde sai a voz, o *flatus voces*, claramente visível (audível), portanto, como objeto e acessível para reflexão. Esse sujeito dono de sua própria fala tornou-se o centro, empurrando para a periferia o vínculo, mormente no ocidente. O conceito de sujeito supõe uma mente; o de vínculo duas ou mais, operando em conjunto – grupo – emprestando-se áreas da mente e criando uma rede donde refluem mentes para dentro de corpos. Existem inúmeros termos relacionados a este campo semântico do *self* (si-próprio). A *pessoa*, do latim *persona* – ser ou criatura da espécie humana, ser moral ou jurídico, personagem, individualidade, ser humano considerado singularmente como sujeito de direitos e obrigações – aproxima-se bastante da noção de *sujeito* como se deseja na vincularidade. *Personas* são máscaras em linguagem de teatro que o ator vai substituindo, por ocasião, num mesmo *personagem*, às vezes *noutro*. Esta noção habita bem o mundano, a linguagem comum: *Ele parece outra pessoa quando o fulano chega! E nem se dá conta disso!* Outra palavra intrincada é *self*: É todo o conjunto de fantasias inconscientes que, noutro sistema teórico – positivista – será dito *aparelho* psíquico, contudo nos interessa a palavra *self* como remetendo ao seguinte conceito, nosso conhecido: a *representação* objetiva (no caso, a subjetividade é um objeto, objeto subjetivo) e afetiva que temos de nós mesmo; abrange nosso corpo, nossa mente, o que os *outros* sentem a nosso respeito; o que sentimos a respeito dos *outros*, abrangendo coisas e ocorrências que sabemos a respeito e coisas e acontecimentos que não sabemos. Parece haver um núcleo estável e uma vasta periferia moldável como magma que se cristaliza rapidamente em conformidade com a mente do *outro* ou com estados da mente de *outros* – ambientes institucionais, momentos globais, locais como dentro e fora de casa. Essa área ao redor deste núcleo é que chamamos sujeito. Quanto mais amplo o núcleo duro do *self* mais forte a identidade – normopatas no extremo e, quanto mais ampla a área moldável mais adaptável e criativo – sobre-adaptado e falso *self* na última pilastra. A parte dura do *self* permanece estável em ausência do *outro* e na presença do *outro*; a parte maleável pode se vitrificar ou não na ausência do *outro*, mas ela se estabiliza na *presença*, só se torna visível na *presença* de um *outro*. É como se uma parte da mente ligasse com uma parte da mente do *outro* em *presença* e, claro, cria-se uma terceira mente, repetindo o modo como foi impressa a mente em nós. Ela está fora, portanto, e seu invólucro é o sistema vincular, grupal.

*Outro*⁴ é aquilo que nós sabemos que é como a gente, tem um núcleo autônomo – uma parte dura do *self* – que nós sabemos que só podemos conhecer – como acontece conosco mesmo – uma parte, uns poucos pedacinhos. O *outro* só ocorre na *presença*, então ele sempre é um acontecimento; eis que a parte maleável do *self* em contato com este *outro* produzirá coisas novas, surpreendentes que depois se vitrificará e será misturada ao miolo duro do *self*. Pode ocorrer que o *self* esteja tão encolhido ou expandido que não consiga, no encontro com aquilo que consideramos um *outro*, identificá-lo como tal, reconhecer o seu igual, o seu diferente e o núcleo autônomo e apenas percebê-lo como o si mesmo. Isso acontece quando há retração intensa como no exemplo clássico da dor de dentes ou avidez excessiva do *outro* para compor o *self* mesmo, às voltas com problemas de colorido, coesão e integridade temporal – é típico o modo como o psicótico nos atira uma rede com o olhar e nos apreende no seu *self* ou, talvez, mais propriamente, entra no nosso, buscando continência e limites que só nosso devaneio – labor psíquico – poderia dar; ou nas massas em que tudo fica desvairado, confuso e ofuscado e a consciência chega ao limite ou perde a clareza.

Possivelmente, no princípio, o que existe é um rudimento duro de *self* e o demais é área moldável, que se conecta e não separa o que é *self* e o que é *outro* e, aí, o *self* está no *outro*. Nunca mais perderemos o anseio de nos vincular. A linguagem aprisiona este evento, que nos torna humanos, o nascimento para dentro do grupo – nascimento de fora para dentro, do grupo para o sujeito, do vínculo para o sujeito – esta duplicidade num *self* e num *outro* em palavras simples como *refletir*, dobrar-se sobre si mesmo, *especular*, usar o espelho, ver-se para dizer que, desde o começo somos, no mínimo, dois; os meus olhos e os teus olhos na minha mente, compondo aquilo que depois chamamos sujeito. Na literatura é a luz da fada de condão, o hipnotismo e, na patologia, a maquinaria de controle da mente. Nos vemos como fomos olhados, nos amamos como fomos amados e nosso psico-soma é como fomos sonhados, tocados, palpados. No entanto, como o sistema permanece aberto, sempre, se persistir área moldável, continuamente, poderemos nos sentir e pensar de outro modo, mas só se bebermos da presença do *outro*. A teoria⁵ diz deste evento em conceitos como *Je* e *Moi*; o

⁴Esta argumentação está baseada nos seguintes autores: AULAGNIER, P. – *A Violência da Interpretação – Do Pictograma ao Enunciado*. Rio de Janeiro, Imago, 1975. AULAGNIER, P. – *Um Intérprete em Busca de Sentido*. São Paulo, Editora Escuta, 1986/1990 v1 e v2. BERENSTEIN, I. – *Psicoanálisis de la Estructura Familiar – Del Destino a la Significación*. Buenos Aires, Paidós, 1981. BERENSTEIN, I. – *Psicoanalizar uma Família*. Buenos Aires, Paidós, 1990. BERENSTEIN, I. e PUGET, J – *Lo Vincular – Clínica y Técnica psicoanalítica*. Buenos Aires, Paidós, 1997. BERENSTEIN, I. – *Eu e o Outro*. Paidós. Buenos Aires, 2001. BION, W. R. – *Uma Memória do Futuro – I – O Sonho*. São Paulo, Editora Escuta, 1975/1989.

BION, W.R. – *Cogitações*. Rio de Janeiro, Imago, 1992/2000.

⁵ Esta argumentação esta fundada em KAËS, R. – *El pacto denegativo em los conjuntos trans-subjetivos*. In: Missenard, A (Org) – *Lo Negativo. Figuras y Modalidades*, Buenos Aires, Amorrortu, 1989. KAËS, R. – *El grupo y el sujeto del grupo*. Amorrortu Editores, B.A., 1993. KAËS, R. – *El Pacto Denegativo em los conjuntos trans-subjetivos*. In: *Lo negativo. Figuras y Modalidades*. Amorrortu Editores, B.A., 1991. KAËS, R. – *Transmissão da Vida Psíquica Entre Gerações*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1993/2001. KOJÈVE, A. – *Introdução á leitura de Hegel*. Rio de Janeiro; Editora da Universidade do Rio de Janeiro, 2002. LACAN, J. – *Os Complexos Familiares na formação do indivíduo*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1985.

ego é um alter ego; ego e alter-ego; penso onde não sou e sou onde não penso; penso com a alma; penso logo és. A fonte de entrada que separará o que é consciente do que não é, o que é viver e o que é ser vivido está relacionada a este marcador afetivo, encruzilhada que separa, imprime, determina e prepara a parte dura do *self* para resolver problemas do *outro* - da família e do grupo. Pode-se dizer isto tudo referindo que a transmissão transgeracional, que constrói sujeitos, depende do modo como a repressão será impressa no *infans*. Vai-se desenhando então a argumentação de que a expressão o *vínculo e seus sujeitos* melhor descreve, conforme critérios genéticos o que se pode historicizar, melhor descreve os eventos de subjetivação; naturalmente, mais um machucado no narcisismo que empapa a fórmula o *sujeito e seus vínculos*. Então, não é adequado dizer que o *sujeito é portador de vínculos* - eles só acontecem compondo terceiridades nos encontros - o vínculo não está dentro do sujeito que só porta um sistema de valências ou, às vezes, é o próprio sistema de valências. As pessoas se encontram e acontece uma coisa que não tinha antes - nem potencial era, pois depende de um *outro* - e é essa coisa que forma novos sujeitos ou reforma antigos. Isto é, a mente está fora do corpo e chamamos sujeito àquela parte que relacionamos com a fonte, a vertente de uma voz, uma fala.

A motivação fundamental deste texto breve é suscitar discussão no entorno deste tema de rara relevância para os tratamentos, individuais ou vinculares. Tal a complexidade do tema, encruzilhada de sistemas filosóficos, que não é seguro afirmar com tanta força a posição que ora o escrito sustenta. Mas contamos com a indulgência do leitor que perceberá que o objetivo é resubjetivar.

Endereço do autor: jfontanari@terra.com.br